

Soneto! Mal de ti falem perversos
que eu te amo e te ergo no ar como uma taça.
Canta dentro de ti a ave da graça
na gaiola dos teus quatorze versos.
Quantos sonhos de amor jazem imersos
em ti que és dor, temor, glória e desgraça?
Foste a expressão sentimental da raça
de um povo que viveu fazendo versos.

Teu lirismo é nostálgica tristeza
dessa saudade atávica e fagueira
que no fundo da raça nos verteu
a primeira guitarra portuguesa
gemendo nossa praia brasileira
naquela noite em que o Brasil nasceu...

Menotti Del Picchia, Soneto; em *Grandes Sonetos da Nossa Língua*, José Lino Grünewald, Nova Fronteira 8801

Uma cadeira vazia,
num canto, quase escondida,
faz-me chorar a alegria,
que meu pai me dava em vida.
Antonio Zanetti, em
O Pitiguari 0210

Vai trabalhar, vagabundo,
grita a mulher feito grialha,
e ele rona lá do fundo:
Vagabundo não trabalha.
Divenei Boseli, em
Fanal 0304

O nome do mito encerra
a própria missão que traz:
Bonaparte espelha a guerra,
mestre Ghandi espelha a paz!
Ederson Cardoso de Lima, em
Trovalegre 0304

Conclusão a sucata!... Fiz o cálculo,
saui-me certo, fui elogiado...
meu coração é um enorme estrado
onde se expõe um pequeno animalculo...
A microscópio de desiluzões
findei, prolixo nas minúcias fúteis...
minhas conclusões práticas, inúteis...
minhas conclusões teóricas, confusões...

Que teorias há para quem sente
o cérebro quebrar-se, com um dente
dum pente de mendigo que emigrou?
Fecho o caderno dos apontamentos
e faço riscos moles e cinzentos
nas costas do envelope do que sou...

Fernando Pessoa, Barrow-on-Furness – IV; em *Grandes Sonetos da N. Língua*, J. L. Grünewald, Nova Fronteira 1988

Pombas-da-paz prometidas
pelos países mais ricos,
não portam ramos floridas
e sim ogivas nos bicos.
Heribaldo Gerbasi ?, em
BI UBT SP 0304

Quando a gente é moderado,
costuma, sempre sensato,
falar no instante adequado,
calar no momento exato.
João Batista Serra, em
O Pitiguari 0211

Si ves un monte de espumas
es mi verso lo que ves:
mi verso es un monte, y es
un abanico de plumas.
Mi verso es como un puñal
que por el puño echa flor:
mi verso es un surtidor
que da un agua de coral.

Mi verso es de un verde claro
y de un carmin encendido:
mi verso es un ciervo herido
que busca en el monte amparo.
Mi verso al valiente agrada:
mi verso, breve y sincero,
es del vigor del acero
con que se funde la espada.

José Julián Martí 1853-1895, de *Versos Sencillos V* – José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Relâmpago na noite
revelando na colina
a capela branca...
Clície Pontes

Passos claudicantes
sob o céu coberto de outono
lágrimas cinzentas.
Estela Bonini

Num balde com água
recolhi a lua do céu
– cintilante bola!
Francisco Handa

No quintal deserto
a silhueta do gato.
Lua cheia
Jorge Lescano

Meus longos cabelos
são cortados pelo trote...
Sorriso dos pais.
Neide R. Portugal

Colheita tardia
o arrozal inundado
espelha a luar.
Sérgio Dal Maso

Da mata chegando
mensagem do pica-pau:
estou almoçando.
Teruko Oda

Preguiçosamente
estica-se o orvalho
em folha macia.
Dalva P. Cunha

Estrela cadente
no seu rastró luminoso
um desejo meu.
Fanny Dupré

Neblina clareando,
desenha os prédios, um a um,
na minha janela.
H. Masuda Goga

O clarão da lua,
geada de luz sobre o brejo,
aquece a seresta.
José N. Reis

Ao virar a esquina
saindo detrás do prédio –
a lua cheia.
Paulo Franchetti

Paineira da praça
no congestionado trânsito
rósea, serena...
Sonia Mori

Cheiro de amendoim.
Os estudantes noturnos
na fila do ônibus.
Tomoko Narita Sabia

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de *Natureza* – Berço do Haicai, **Kigologia** e Antologia, 1996.
Esta obra (provavelmente única em português) talvez ainda possa ser encontrada em Neko Books, a/c Luis Hanada, Rua Verzequeiro 727, Sala 301, CEP 01504-001 – São Paulo, SP.

Mãe! eu quero mais...
menino lambendo os dedos.
Pamonha acabada!
Anita Thomaz Folmann

Entre as ramas verdes
antecipando o inverno,
folha amarelada.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Gritos estridentes:
uma arara do seu galho
saúda o novo dia!
Djalda Winter Santos

Um pio fininho
brinda a goiaba furada...
Sanhaço no galho.
Fernando Vasconcelos

Depois do café
o menino arma a arapuca
e fica espreitando...
João Batista Serra

Entre tantas verdes
quase escondida no vaso –
folha amarelada.
Manoel F. Menendez

Catando as sementes
louro anda desengonçado –
poleiro vazio.
Maria Regina Labruciano

Abro um velho álbum, *
uma folha amarelada.
Por que a guardei?
Djalda Winter Santos

Cálidas lembranças °
em folhas amareladas...
eu ainda guardo!
Edel Costa

Folha amarelada *
do livro antigo, na estante,
desperta a anciã...
Heloiisa Sauerbronn Brandão

Folha amarelada °
entre a página do diário:
a flor do tempo.
João Elias dos Santos

Folha amarelada °
guarda perfume de mãos...
O ontem no hoje.
Leonilda Hilgenberg Justus

Folha amarelada °
mostra como o tempo vaa...
Lembraço em jornal...
Marcelino R. de Pontes

Limpando os livros *
deixo cair lembrança.
Folha amarelada.
Nadyr Leme Ganzert

Neste inverno frio,
sozinho no meu cantinho...
coração vazio.

Pobre ave canora!
Coitada! Se, engaiolada...
não mais canta... chora!

Na redinha tesa,
a aranha muito se assanha
tendo a mosca presa!

A seca persiste.
O trigo chora comigo...
mal granado e triste!

Primavera é vida,
com flores, e seus olores,
alegrando a vida.

Pérola no estojo:
beleza que a natureza
já traz no seu bojo!

Estação do outono...
As plantas derrubam tantas
folhas para o sono.

Cada quarto de hora
o galo marca intervalo
quando chega a aurora.

Taça exposta ao sol...
tesouro esculpido em ouro
– lindo girassol!

Qual noiva ataviada:
a lua na rota sua
percorrendo a estrada!

Flor, fruto e semente.
Sem flor... adeus ao amor,
deserto somente!

– Coitado palhaço!
Com graça lude a desgraça
driblando o cansaço.

Céu de estrelas mil,
bordado, azul, pontilhado...
Este é meu Brasil!

Fonte de água pura,
que a mina tão cristalina
jorra com fartura.

Maurício Fernandes Leonardo (0-43) 258-4182, do livrete Haicai – “Declaração de Amor à Natureza”
Rua Santa Catarina 34, CEP 86200-000 – Ipiraporã, PR

Leva o pelotão
Jesus condenado a cruz.
Grita a multidão.
1ª Estação
Na rua de novo,
Jesus toma sua cruz
diante do povo.
2ª Estação

Tal seu sofrimento
Jesus cai com sua cruz
faminto e sedento.
3ª Estação
Muda despedida:
Jesus seu olhar conduz
a quem deu-Lhe a vida.
4ª Estação

Carregando a cruz,
Simão, um simples pagão,
acode Jesus.
5ª Estação
E, causou espanto
o rosto do Cristo expan-
to
num singelo manto.
6ª Estação

Cansado e abatido
Jesus cai com sua cruz.
É forte o alarido.
7ª Estação
Comoção geral –
Jesus arrastando a cruz
perto do final.
8ª Estação

Sentindo ainda mais,
Jesus, o peso da cruz,
Seu corpo ao chão vai.
9ª Estação
O manto sorteado –
e o Cristo por todos visto,
corpo ensangüentado.
10ª Estação

Na hora da agonia,
Jesus pregado na cruz
ouve a zombaria.
11ª Estação
Trevas sobre a Terra.
Jesus pendendo na cruz
seus olhos encerra.
12ª Estação

Acolhe Maria
Jesus descido da cruz.
Termina a agonia...
13ª Estação
Num túmulo novo,
Jesus descansa, sem luz,
e longe do povo.
14ª Estação

Que grande vitória:
Jesus repleto de luz
mostra-nos a glória.
15ª Estação

Da cruz para a vida!
das sombras à luz!
da dor à alegria!
Passou! Sorria!
Pe. Francisco Viana Pires

Antônio Seixas, antseixas@bol.com.br, do livrete O Caminho da Cruz, 0304
Rua Dr. Eduardo Portela 82, Centro; CEP 25900-000 – Magé, RJ

Esta mujercita que ves
con el pelo blanco
esa mujercita que ves
vestida de negro,
es a la mujer
que más quiero y más
quiero porque yo una vez
fui dolor de su carne.

Esta mujercita que ves
con los ojos tristes.
Esta mujercita que ves
con los labios secos,
es a la mujer
que más quiero y más quiero
porque yo he vivido
mezclado en su sangre.

Ella me invitó a beber de su cuerpo,
ella me enseñó la primera palabra
ella me ayudó a caminar por el suelo,
y a que fuera feliz en mi infancia...

Y me regaló el primer tren de lata
y me protegía del hambre y del frío
y me dibujaba castillos y hadas
y árboles muy grandes al lado de un río.

Me enseñó a rezar con palabras sencillas
me indicó el camino que lleva a la gloria
y lo malo y bueno que existe en la vida
para que jamás me apresaran las sombras...

Me enseñó a pensar con los pies en la tierra
me explicó el porqué del amor y la ira
y por qué en el cielo se ven las estrellas
y por qué en la tierra los hombres se envidian.

– O gosto não se discute...
– E só mo dizes agora?
creio melhor se desfrute
quando a gente o aprimora.

Manoel F. Menendez

A beleza do meu Rio,
se acha estampada em bronze,
em formas que anos a fio
moldaram a Praça Onze!

Agostinho José de Souza

O verdadeiro carinho
enche a alma de emoção
e segue, devagarinho,
pela estrada da afeição!

Tanto tempo nós perdemos,
que, agora, em pleno depois,
na vida em que ainda temos,
há tempo para nós dois?

Para cantar a criança,
tento encontrar rimas novas,
mas de todas, a esperança
é que cabe em minhas trovas!

Quero bemóis de ternura
e uma partitura nova,
para cantar a ventura
nos versos da minha trova!

Hoje, em mim, é alvorada...
Sinto gorjeios no ar...
A Terra ainda está prateada
pelos raios de luar!

Como o sangue dos farrapos,
o gostoso chimarrão,
corre nas veias dos guapos
e alimenta a tradição!

Caminhando pela rua
nas noites de solidão,
minha alma se expande
em cirandas de emoção!

Mate-amargo! Chimarrão!
Tu, que um verde sangue estampas,
és a própria tradição
dos verdes campos dos pampas!

Olhando o povo com fome,
fico triste e, às vezes, penso:
– Como há gente que não come
tendo um chão tão rico e imenso?

Para que nunca se perca
o ideal antiferreiras,
minha casa não tem cerca,
nem alambrado ou porteiras!

Assim seguimos, eu sobre os cavalos desenfreados,
e você (às vezes) a puxar as rédeas.

Assim seguimos, eu a me entregar em mil pedaços,
e você (às vezes) a catá-los com excessivo vagar.

Assim seguimos, eu cada vez mais amante,
e você (às vezes) a acender as luzes.

Assim seguimos, eu a morrer de amores,
e você (às vezes) a enviar sem lágrimas.

Deley Rodrigues Canalles, (0-51) 227-2859 – de Trovas 2, 1998
Rua Duque de Caxias 707, Apto. 203
90010-282 – Porto Alegre, RS

Taki Athanássios Cordás, Corridos; em
Nanico 9805

